

ALBUM

Director, **ARTHUR AZEVEDO.**

Publica-se em dias indeterminados. O preço da assignatura é de 24\$000 por série de 52 numeros, e de 12\$000 por série de 26 numeros. Para os Estados 28\$000 e 13\$000 — Numero avulso \$500 réis.

Direcção: RUA DOS OURIVES N. 7, Rio de Janeiro

SUMMARIO

DR. SILVA ARAUJO.	Aluizio Azevedo.
CHRONICA FLUMINENSE.	A.
ANTE UM OBELISCO.	Damasceno Vieira.
MATER DOLOROSA.	Bento Ernesto Junior.
CHRONICA LIVRE.	Olavo Bilac.
FLOR DO MAL.	Alfredo de Magalhães.
AMOR DE PRIMAVERA E AMOR DE OUTOMNO.	Alfredo Bastos.
A CLOTILDE DE ROQUEMAURE.	Raymundo Correia.
THEATROS.	X. Y. Z.

O proximo numero do ALBUM trará o retrato e o esboço biographico do

DR. JOSÉ DE MELLO CARVALHO MUNIZ FREIRE

DR. SILVA ARAUJO

Só depois de insistentes solicitações, conseguimos do nosso biographado de hoje o seu assentimento para lhe rendermos esta justissima homenagem. Comtudo, para bem julgar o Dr. Silva Araujo, são por demais estreitas as proporções d'esta folha, porque, para dar ideia do seu alto valor, preciso fôra mostrar n'elle, nem só o profundo homem de sciencia, como o exemplar cidadão, e o philantropo, e o orador, e o escriptor, e até o artista, quanto á direcção e execução de trabalhos photographicos e lithographicos.

De todas essas variadas faces do seu talento, da sua fecunda actividade e do seu grande coração, é que se fórma a admiravel e completa harmonia de que é feita a sua individualidade, onde secasam em perfeito e raro equilibrio os mais vivos dotes intellectuaes com a mais singella honestidade e com o mais tranquillo bom senso.

Nasceu na capital da Bahia em 18 de setembro de 1853, e foi baptisado com o mesmo nome de seu pae, Antonio José Pereira da Silva Araujo, fallecido negociante portuguez que residia n'aquella cidade.

Sua virtuosa mãe, Sra. D. Maria Gertrudes Muniz de Araujo, brasileira, ainda vive, o que constitue uma das mais doces venturas para o seu filho illustre.

Fez os preparatorios no Lyceu de sua provincia natal, de 1863 a 1868; matriculou-se na Faculdade de Medicina do mesmo estado, com deseseis annos incompletos, e formou-se em 1874, tendo obtido em todos os annos do curso a nota superior de approvação.

Logo em 1873, ainda estudante, foi nomeado interno de clinica cirurgica daquella Faculdade, revelando já no cumprimento d'esse primeiro cargo o zelo intelligente e inquebrantavel com que d'ahi em diante desempenhou sempre os seus multiplos deveres. Em 1875 foi nomeado medico adjunto do hospital da Santa Casa da Misericordia do mesmo estado. Em 1876 foi nomeado membro correspondente da Sociedade de Sciencias Medicas de Lisboa. Em 1877 foi eleito membro correspondente da Academia Imperial de Medicina do Rio de Janeiro, hoje Academia Nacional. Em 1878 foi nomeado membro effectivo da Sociedade Belga de Microscopia, e no mesmo anno membro correspondente da Sociedade de Climatologia Algeriana.

Como se vê, a Bahia não podia oferecer campo bastante vasto para a sua larga actividade e para as justas aspirações do seu talento. A principio dedicou-se n'essa cidade á clinica geral, estudando, porém, logo desde o começo da sua carreira scientifica, a especialidade em que mais tarde havia de distinguir-se a ponto de figurar nas obras do sabio Fournier *

Preoccupando-o já desde então as reformadoras ideias de trabalho medico, que depois realisou aqui brilhantemente, correu ao Rio de Janeiro e, já pela imprensa, já pela tribuna, lançou ao publico e aos homens de sciencia o programma das suas novas ideias. N'uma conferencia na Gloria expoz a importancia da microscopia em medicina, e n'outras depois o seu novo processo de tratamento da elephancia por meio da electricidade. O legitimo successo obtido nesta propaganda decidio-o a fixar-se

* Pr. A. Fournier. Traitement de la syphilis. Pags. 318 e 356.

no Rio de Janeiro, e desde esse anno, 1879, que, sem tregoa, sem descanso, dia a dia, instante a instante, o Dr. Silva Araujo trabalha e lucha pela sciencia, enriquecendo-a com as suas interminaveis investigações, derramando-a por todas as classes, exercendo-a com fanatismo, com enthusiasmo, sempre alerta no seu posto de sacrificio e de honra, tão prompto a accudir a um millionario doente, como a um miseravel que soffra.

Em 1880 foi nomeado medico adjunto do Hospital da Sociedade Portugueza de Beneficencia, e em 1882 foi premiado com o diploma de honra na exposição da Industria Nacional do Rio de Janeiro, pelos seus valiosos escriptos expostos.

Foi n'esse anno, anno abençoado pela pobreza d'esta cidade, que o Dr. Silva Araujo, a convite do Dr. Moncorvo, em collaboração com este, e com o Dr. Moura Brasil, e mais nove condignos confrades, dedicou-se de corpo e alma á nobre e piedosa ideia da fundação da Policlínica Geral do Rio de Janeiro. Essa inestimavel ideia devemol-a ao bom e illustre Dr. João Pizarro Gabizo, que a trouxera para o Brasil das suas impressões recebidas n'uma viagem a Vienna.

Hoje a Policlínica do Rio de Janeiro é um magnifico estabelecimento de ensino e de caridade, que póde desassombradamente hombra. com os seus meliores congeneres da Europa e dos Estados Unidos. Sem esquecer os muitos e muitos medicos que valiosamente trabalhará e trabalham para a prosperidade d'ella, força é confessar que á dedicacão sem limites, aos desvelos incalculaveis, ao enthusiasmo, d'esta gloriosa triade — Moncorvo, Silva Araujo e Moura Brasil — é que principalmente deve nossa Patria a honra de possuir uma instituição d'aquella ordem, e deve a pobreza d'esta cidade, a dos suburbios e até a dos estados vizinhos, a suprema felicidade de ter ao seu alcance e á sua disposicão um nucleo de esclarecidos especialistas de todas as enfermidades, promptos a lhes prestarem, gratuita e opportunamente, os socorros e recursos do seu talento, da sua competencia e da sua applicacão.

Quer o leitor saber o que vale a Policlínica em relação á caridade? Saiba que, por um calculo muito abaixo da tabella ordinaria dos honorarios medicos (computando as consultas a 5\$) verifica-se que essa philanthropica instituição presta annualmente serviços medicos á pobreza no valor de duzentos contos de réis !

Não exageramos. Quem escreve estas linhas examinou o que acaba de dizer e observou minuciosamente esse incomparavel estabelecimento, ao lado do Dr. Silva Araujo, do chefe de clinica Dr. Werneck Machado, e do adjunto Dr. Alfredo Porto, e sente não poder, por falta absoluta de espaço, descrever aqui o que vio e as impressões que recebeu, reservando-se para fazel-o n'um futuro livro de costumes brasileiros.

Depois da fundação da Policlínica, a individualidade do Dr. Silva Araujo foi ganhando proporções cada vez maiores e mais brilhantes. Nunca se nos apagará do espirito a bella impressão que recebemos ao ouvir as suas encantadoras conferencias medicas, realizadas n'uma das vastas salas d'aquelle estabelecimento.

Poucos oradores dispõem como elle de tanto methodo na exposicão, de tanta clareza de imagens e de tanta lucidez de ideias ; tudo isso enriquecido pela correccão e elegancia da phrase e por uma memoria privilegiada, que lhe permite citar sem vacillar nomes antigos e modernos, datas de todos os tempos e phrazes em todas as linguas.

Foi d'essa gloriosa epoca que, por bem dizer, principiou a sua grande popularidade, até attingir as proporções em que a vemos hoje. A sala de espera do seu consultorio lembra uma ante-camara de chefe de Estado em dias de audiencia, e do fundo de longinquas cidades do norte e do sul do Brasil accodem doentes á procura da sua sciencia.

E nunca até hoje deixou o Dr. Silva Araujo de crescer e cobrir-se de honras. Em 1883 foi nomeado pelo presidente da Republica do Chile, Domingo Santa Maria, membro honorario da Faculdade de Medicina e Pharmacia do Chile. Em 1884 membro correspondente do Circulo Medico Argentino, e no mesmo anno membro adjunto da então Academia Imperial do Rio de Janeiro (secção cirurgica). Em 1885 foi nomeado membro titular da mesma Academia. Em 1889 foi eleito vice-director da Policlínica Geral, tendo sido depois reeleito annualmente até a presente data. Em 1889 foi nomeado socio correspondente do Instituto de Coimbra, e foi eleito, pelo *comité* de organisacão do 1º Congresso Internacional de Dermatologia de Pariz, secretario para a secção do Brasil ; e foi agraciado com a commenda da Ordem de Christo pelos relevantes serviços prestados ao Estado ; e foi eleito 1º secretario da Academia Nacional de Medicina no anno academico de 1889 a 1890, e reeleito no de 1890 a 1891. Em 1892 foi eleito membro correspondente da Sociedade de Dermatologia de Vienna e socio correspondente da Academia Real das Sciencias de Lisboa ; e ainda n'esse mesmo anno, pelo *comité* de organisacão do 2º Congresso Internacional de Dermatologia reunido em Vienna, foi eleito secretario para a secção do Brasil, collaborando para elle e remetendo d'aqui uma memoria sobre o tratamento electrico da elephancia, com grande cópia de photographias. Em 1893 foi nomeado presidente da secção de molestias da pelle e syphilis do Congresso Medico Pan-Americano, que se realisou por occasião da exposicão de Chicago. Ainda n'esse anno foi premiado na exposicão colombiana, de Chicago, pelo seu *Atlas des maladies de la peau*, importante publicacão, escripta em francez, com artisticas estampas chromo-lithographadas e photogra-

phadas. E agora, por ultimo, acaba de receber, com data de 19 do mez passado, e assignada pelo sabio H. Hallopeaux, a nomeação de membro correspondente da *Société de Dermatologie et de Siphiligraphie*.

Durante esses annos de lucta scientifica, escreveu o Dr. Silva Araujo trinta e tantos trabalhos medicos de grande valor, entre os quaes ha tratados de varias molestias, discursos, estudos bibliographicos, memorias medicas, monographias, relatorios e revistas, destacando-se o famoso *Atlas des maladies de la peau*, que tem merecido applausos dos principaes centros scientificos de todo o mundo.

São paginas escriptas com a maxima correcção e clareza, e com tal valimento de fórma, que podemos dizer d'ellas, dadas certas proporções, o que o proprio auctor avançou a respeito do celebre Fournier, no seguinte periodo de um dos seus livros:

« O professor Fournier escreveu então sobre o assumpto uma d'essas peças monumentaes que só elle sabe produzir, com aquella profundeza de vistas, aquella eloquencia, aquella estylo didactico e persuasivo que o têm popularisado no mundo inteiro, e que o tornariam um escriptor perigoso se um dia elle se lembrasse de advogar uma ideia erronea, como muito bem o disse, ha annos, Amedée Lateur, e como sem duvida terão tambem imaginado todos aquelles que tiverem experimentado o poderoso influxo dos inexcediveis dotes do preclaro estylista ».

Que este bello periodo sirva de valioso fecho a este insufficiente artigo, á maneira de castão de prata posto em bengala de madeira ordinaria.

ALUIZIO AZEVEDO.

CHRONICA FLUMINENSE

A nota litteraria d'estes ultimos dias foi o apparecimento de mais um livro de Affonso Celso—*Notas e ficções*—, editado pelo infatigavel Sr. Domingos de Magalhães, da Livraria Moderna.

O novo livro do illustre escriptor—um elegante volume de tresentas paginas—não desmerece dos seus predecessores. E' uma collecção de narrativas litterarias, escriptas n'aquelle estylo simples, corrente e fluente que é o encanto das obras de Affonso Celso.

Essas deliciosas phantasias, em que não se encontra, felizmente, o menor vislumbre de politica, têm tido um brilhante successo de livraria.

Decididamente o Sr. Domingos de Magalhães é um editor feliz; mas convenhamos que d'essa fortuna se tornou elle merecedor pelos bons desejos, que manifesta, de estimular e animar a nossa litteratura.

O *Album* n'um de seus proximos numeros dará o retrato d'esse benemerito das lettras nacionaes, a quem por nossa vez nós, os escriptores brasileiros, devemos fortalecer com a nossa estima e a nossa gratidão.

O Sr. Domingos de Magalhães é o primeiro exemplo, que apparece no Rio de Janeiro, do editor moderno, que não se limita a acolher em sua casa os escriptores de nomeada: estende a mão generosa aos ignorados para ajudal-os a sahir da obscuridade em que vegetam; e, o que mais é, vae muitas vezes ao seu encontro, sem esperar que elles o procurem.

Faço votos para que o proprietario da Livraria Moderna seja tão feliz com todas as suas edições futuras como o tem sido com as *Notas e ficções*, de Affonso Celso.

*

Quando apparecer esta chronica já deverá estar encerrada, ou quasi, a exposição dos ultimos quadros de Castagnetto, na Escola Nacional de Bellas-Artes.

Essa exposição teria sido um grande acontecimento artistico, se a attenção publica não estivesse voltada ainda para a politica, a maldita que ha tempo absorve o espirito nacional.

Ainda assim, Castagnetto conseguiu vender a alguns distinctos amadores grande parte das suas admiraveis marinhas, e é de crer que a Escola adquirira duas ou tres que têm o seu logar assignado nas respectivas galerias.

Sobre o merito de Castagnetto não sei mais que dizer, tanto me tenho occupado d'elle aqui e alli, onde quer que me deem espaço para escrever meia duzia de linhas.

Não sei se elle é o nossopintor mais correcto, mais senhor da technica da sua arte; mas o que não soffre duvida na minha opinião é que elle é o nosso pintor de mais individualidade, o mais original, o mais sincero.

Nas suas marinhas—que digo eu?—nos seus esboços, na mais despretençiosa das suas *manchas*, ha sempre uma poesia indefinivel, um vago perfume de alguma coisa abstracta e divina.

Em todos os seus quadros ha um reflexo profundo da sua alma ingenua e primitiva, do seu coração de bohemio, fechado ao egoismo e ao desinteresse, escancarado a todos os sentimentos honestos.

E—ahi têm os senhores!—quando eu escrevo assim a proposito de um artista como Castagnetto, sinto a necessidade de não escrever sobre mais nada.

*

Por isso, fiquem em paz os revoltosos, e o Congresso, e a carne verde, e o *Holophote* da Sra. Clementina dos Santos.

A.

ANTE UM OBELISCO

A A. PERES JUNIOR

I

E' bello perscrutar nos fastos de granito
O que a Historia nos diz do magestoso Egypto,

Da terra de Ramisés, na qual a mão do homem
Fez obras colossaes que os tempos não consomem.

Leiamos esta *Agulha* : a rispida grandeza
Memora-nos a esbelta, a esplendida princeza,

Formosa e sem pudor, melhor que Messalina,
Mais culta que Phryné, que a russa Catharina ;

Aquella que a nadar do Nilo á correnteza
Fazia lembrar a Deusa da Belleza

Ao nascer d'entre a espuma, airoosamente nua,
Exposta á luz do sol—á claridade crua ;

Aquella que envolveu nos seus ardentes planos
Dous famosos heróes, dous celebres romanos.

A um deveu o throno e ainda, por mais brilho,
A gloria de beijar uma reliquia—um filho!

Ao outro subjugou com intimo transporte
E o fez repudiar a misera consorte.

Em aureas bacchanaes consigo o teve preso,
Expondo-o muito embora ao publico desprezo,

II

Orgulho de mulher e de rainha ! Tenta
Prostrar aos pés Octavio e seducções inventa ;

Mas não cede o romano : evita o falso amor,
Compenetrado só de que é conquistador.

Quer á Roma levar a feminina gloria,
Presa, como um trophéo, ao carro da victoria!

Porém ella percebe a degradante sorte
E prefere á deshonra o calmo horror da morte.

Altiva, entrega o seio—o palpitante altar
Que vio tantos heróes, submissos, ajoelhar,—

Entrega o seio á bocca hiante d'um reptil !
Morre, como rainha, heroica e senhoril,

Comsigo sepultando a gloria de uma raça !
Eis a grave inscripção singela que se traça

No monolitho branco, exposto ás multidões,
A ver tombar no pó instaveis gerações...

DAMASCENO VIEIRA.

MATER DOLOROSA

A ANSELMO RIBAS

A pesca no ribeirão das Almas, — o claro fio d'agua
que rola chorosamente atravez do povoado suas
aguas mansas por um leito tortuoso, rasgado no
relvedo humido que rebuça a terra arenosa das
praias, — era a diversão mais querida dos pequenos
da aldeia, nas tardes seccas de verão, quando as
chuvas tinham fugido de todo, fazendo desaparecer
as vasantes e os pantanaes que impediam o transito
nas margens, corrente abaixo.

A hora em que o sol cahia agonisante, sob um
montão de palhetas de oiro e enormes petalas de
rosa, por detraz do verde forte dos serros do poente,
já nos encontrava a todos n'um bando alegre e rui-
doso, a beirar o ribeirão uns, outros dentro da agua
resfriada, todos de calças apanhadas acima dos joe-
lhos, em camisa, arrastando, aguas abaixo, tirado
por cipós, um feixe de ramos verdes, amarrado for-
tamente com cordas de palha de bananeira.

N'uma praia arenosa do correjo aportava-se o
molho: alguns, mãos espalmadas, de cocaras, ta-
pavam os cantos, e quando a agua aprisionada aca-
bava de escoar-se por entre as ramas encharcadas,
voltava-se o feixe e n'uma alacridade colhiamos o
peixe que ficava na areia da margem, levado na
onda volumosa que as ramas tinham impellido para
aquelle ponto.

Depois, atirava-se de novo o peixe ás aguas som-
nolentas do rio, de novo iamos corrente abaixo, á
doce serenidade da hora crepuscular, por sob os
salgueiraes espinhentos e os moitaes floridos das
margens, arrastando o fardo ramoso sem uma nevoa
de tristeza na claridade do olhar, sem uma preoc-
cupação angustiosa no espirito innocente.

Uma tarde de Março — lembro-me como se hontem
fosse — entretidos na faina costumada chegámos,
margeando o ribeirão, áquelle ponto onde, á pe-
quena distancia da praia, alguns casebres pobres se
alinham n'uma fileira desolada, apregoando a mise-
ria que se abriga sob seus tectos de colmo amarel-
lado.

Acabavamos de colher de sob o feixe encharcado
os peixes prisioneiros, quando, no silencio reinante
alli, quebrado apenas pelos gritos agudos e alegres
dos pequenos peccadores, soaram vozes fortes, ex-
clamações doridas, cortadas por soluços, pregoeiros
de uma magoa grande, acabrunhadora :

— Meu filho !... meu filho !...

O clamor afflictivo vinha de uma das mansardas
e corria pelo campo afóra, indo esvair-se contris-
tadoramente sobre as copas verdes dos moitaes das
margens.

— Meu filho !... meu filho !...

Olhámos espantados para aquelle ponto, enfiando
o olhar inquiridor pela porta aberta da misera ha-
bitação.



Phototypia J. Gutierrez.

DR. SILVA ARAUJO

Os gritos continuavam cada vez mais fortes, cada vez mais contristadores.

Abandonámos a pesca e, n'um grupo curioso e contristado, acercámo-nos do pardieiro.

Dentro, aquelles olhares, ainda sem a nevoa trevosa das amarguras, viram uma pobre mulher, de joelhos, beirando um catre, onde repousava estirado o cadaver de um menino já grande, semi-nú, roxos os labios, cabello intenso e sujo, como macega secca, sobre a face descorada. Ao lado, descansava apagado um coto de vela benta, sem duvida a luzerna que allumiára a agonia do pequeno morto.

Arrepellando-se, a chorar copiosamente, n'uma lastima, a infeliz abraçava-se ao cadaver em exclamações doridas, cobrindo de beijos o rosto esmaecido do filho, que na sua indiferença de morto, diante d'aquella explosão de um coração amargurado, olhava tranquillamente para o colmo enfumagado que resguardava o misero casebre.

Duas outras mulheres quedavam-se, conternadas, ao lado, lacrimando silenciosamente.

Os pequenos pescadores olhavam espantados aquella amargura, aconchegados n'um grupo contristado e respeitoso, semelhando aves medrosas diante de um cataclysmo.

Fóra, pelas margens humidas do ribeiro, desdobrava-se a doçura enlevadora da paz crepuscular.

Uma hora, a desgraçada mãe, com as faces coladas ao rosto do morto, calou-se, numa atonia, afogada no borbotão dos soluços, as longas tranças, negras e descuidadas, desdobrando-se pelas espaldas n'um basto feixe emmaranhado. Entristecidos, iam-nos em retirada, demandando o rio, onde a ultima luz punha lampejos pallidos, quando a pobre mulher, despertando, retornou á jeremiada plangente, chamando pelo filho amado, beijando-o ardentemente, como se quizesse, ao calor d'aquellas caricias, trazel-o de novo á vida.

Vibrava, longe, n'um campanario, a voz dolente do *Angelus*.

E pelas margens do corrego, casando-se ao deslisar gemebundo das aguas, arrastando-se sobre os seixos do leito tortuoso, errava o grito compungente d'aquella mãe desolada.

BENTO ERNESTO JUNIOR.

Tamanduá, Minas, 1893.

CHRONICA LIVRE

*J'estime plus cela que la pompe fleurie
De tous ces faux brillans où chacun se récrie...*

Que bella, que justa epigraphe para o livro do mais sobrio, do mais espontaneo, do menos artificial dos nossos prosadores! De facto, é com esses dous versos do divino Molière que abre o volume

dos *Contos fóra da moda*, de Arthur Azevedo, agora editado por Domingos de Magalhães, o infatigavel.

Este livro fica, de par com os *Contos possiveis*, marcando definitivamente a physionomia litteraria do auctor. Arthur possui a felicidade de poder dar um cunho proprio a quanto escreve. Chronista, cabriolando desordenadamente de assumpto em assumpto, mas com uma rara mistura de fulgor de paradoxo e de bom senso, pelas columnas do jornal; comediographo, fixando em scenas com uma precisão e uma verdade de machina photographica a vida que o cerca; poeta lyrico de primeira plana, pegando de uma ideia velha, de um sentimento commum, de uma commoção já cem vezes por outros sentida, e vestindo-a de novo, dando-lhe roupagens não sonhadas, fazendo d'ella uma commoção nova—como de seis metros de fazenda incolor faz sahir a pariziense uma *toilette* rutilante, cheia de mocidade, de frescura e de graça; — em tudo Arthur Azevedo põe a assignatura invisível da sua *maneira*, do seu geito, de sentir e de escrever. Nos arranjos de revistas e de libretos, mesmo, sabe elle entrar, sem perder a sua originalidade e o seu talento. E' um grande poeta que entra pela vulgaridade, um grande artista que entra pela fancaria, sem deixar lá dentro o seu lyrisimo e a sua arte.

E' que a sua simplicidade é esta rarissima e fulgurante simplicidade, que consiste em pôr uma obra de arte ao alcance de todas as comprehensões,—fazendo-a humana; e ser simples assim é mais difficil do que descobrir a America ou a polvora sem fumaça. Nada mais facil do que architectar uma pagina complicada, das que embasacam o nephelibatismo indigena, e que parecem mostradores de bazar turco, cheios de lentejoulas de malacachetas, de bugigangas, de *tous ces faux brillans où chacun se récrie*. Nada mais facil: cinco duzias de vocabulos desconstrados bastam a construir uma d'essa obras primas. E como n'ellas o principal intuito do escriptor parece ser esconder o mais possivel o pensamento, claro está que nem é preciso pôr um pensamento lá dentro...

O estylo de Arthur Azevedo tem a limpidez e a serenidade de brilho d'esses admiraveis diamantes mineiros do Tijuco, cuja transparencia todos os Lère-Chatelains do mundo não conseguirão nunca imitar nas suas gemmas artificiaes. E cada vez admiro mais a propriedade da epigraphe tão bem cabida, que Molière forneceu aos *Contos fóra da moda*. Creio que foi Valentim Magalhães quem, ultimamente, referindo-se ao conto *Sabina*, de Arthur, dado á estampa n'*O Paiz*, disse: « Com o assumpto d'este conto, Bourget escreveria um largo romance de analyse psychologica. » Escreveria, sim. Mas o nosso Arthur, que odeia as ostentações espalhafatosas de erudição,—fechando esse assumpto n'uma columna de jornal, conseguiu talvez mais do que conseguiria Bourget, alastrando-o pelas quatro centenas de paginas de um volume Charpentier.

O conto, com que abre o volume que tenho presente, o *Viuvo*, é o estudo completo de uma alma, apanhada em flagrante pelo auctor, e impressa em sete paginas de uma naturalidade encantadora. E o estudo é feito disfarçadamente. Ninguem percebe o escalpello ás mãos do anatomista: Arthur dissecou um espirito como quem conta uma anecdota, simplesmente, despreocupadamente.

Comprehendem bem que não posso citar aqui todos os contos do livro. Nem eu sou critico, nem quero desvirginar este encantador volume, privando o leitor das surpresas que elle lhe dará.

Mas deixem-me ao menos citar *Questão de honra* e *Marcellina*.

No primeiro, Braga Lopes, o marido condescendente cuja mulher se vende por um vestido de seda, é primorosamente descripto n'uma só phrase. A's sete da manhan Braga Lopes nega 500.000 á mulher, e « bruna as unhas ». A's 8, Braga Lopes ouve um rodar de carro. Levanta-se, vae á janella.

E' Angelica que vae á cidade arranjar os 500\$000 de que carece. Braga Lopes resmungo: « Aonde irá ella arranjar 500\$000 a estas horas? » e continúa a brunir as unhas. Oh! a dolorosa jornada

de Angelica, de casa em casa de amiga á procura d'esse dinheiro que todas lhe recusam !... Tres horas da tarde. Entra Angelica em casa, cansada, mas alegre. Vendeu-se por dous contos de réis a um bolsista. Braga Lopes está brunindo as unhas.—« Mas para que precisavas tu d'esse dinheiro ? » — « Uma questão de honra, meu amigo... Imagina que me apaixonei por um vestido que vi hontem na vitrine do Palais-Royal... » E Braga Lopes « recommençou fleugmaticamente a sua occupação predilecta—brunir as unhas... »

Esse assumpto cruel é tratado com uma rapidez, com uma precisão, com uma verdade espantosa. Assim *Marcellina*, a velha actriz, reduzida a costureira, que, em casa de uma actriz moça que começa, ouve a sua propria historia contada á nova *estrella* por um antigo amante... E a *Dona Branca*, e o *Contrabando*, e a *Cozinheira*, e... todo o livro.

Porque o livro todo é bom, e, como já escrevi mais acima, vem marcar definitivamente a physionomia litteraria de Arthur Azevedo, a quem envio publicamente, pelo seu radiante triumpho, uma braçada d'estas rosas de maio que começam a desabrochar.

E, impertinente, aproveito a occasião para perguntar a Arthur quando se decidirá a dar-nos, colleccionados em volume, os seus esplendidos sonetos lyricos...

OLAVO BILAC.

(Da Gazeta de Noticias)

FLOR DO MAL

Quem fôr cego que idiota o anathema te lance,
Ó melindrosa flôr da estonteadora Carne !
Alvo lyrio emballado ao murmurar do Marne !
Heroína de Bourget na autopsia de um romance !

Condemnam-te o impudor fantoches moralistas,
E, um por um, te buscar vão todos, açodados,
Na sombra do mysterio envoltos, embiocados,
Que por elles, ó Treva, é bom que sempre existas.

Da ruidosa alegria em que indolente vives,
Do escandalo o phantasma a seus olhares se ergue.
Do Dever feitichista, a culto inglorio entregue
Justo é, sempre á Apparencia, ó mundo, te captives,

Porque nú como o dia, a quem te busca, esplende
Teu corpo esculptural te dizem prostituta
Na insania do desdem, e a taça da cicuta,
Qual mais sóffrego, a mão, por que lh'a dês, te estende.

E porque, do Deboche, encantadora filha,
No ar todo esse esgrimir se de um acaso á vida,
Lançar pôde inconsciente o ventre da perdida
Para a Arte, o summo bem, mais uma maravilha ?

Tão santa é a mãe, mulher honesta e recatada,
Como aquella que o foi por simples accidente
Feliz quem, consciencioso, o quanto vale, sente,
De todo o preconceito a alma que é emancipada.

Vasios como a sombra, audazes como a Idéa,
O' clowns da Virtude, á pedra, eia, é correl-a !
Reflecte-se no mar como no charco a estrella...
Vale mais que Lucrecia o aceio de Phrynéa !

ALFREDO DE MAGALHÃES.

AMOR DE PRIMAVERA E AMOR DE OUTOMNO

(TYPOS DE MULHERES)

XIII

(Continuação)

Carmen sentio pulsar-lhe o coração mais fortemente ainda. Desde logo, porém, como só se esperasse a pronunciação do nome do auctor, rompeu do *paraizo* o assobio reprovador acompanhado de um gargarejo sonoro, que bem explicava o intento sarcastico de parte dos espectadores.

E esta manifestação, fatal para o exito completamente lisonjeiro da comedia, precedeu a outra, sympathica. O grupo dos amigos de Carrero foi heroico n'esse momento em que perigava a reputação de um escriptor distincto, que superior estava á intelligencia obtusa dos pateadores.

O applauso foi então geral e communicou-se com o mesmo enthusiasmo e ardor á todos os presentes. Ainda se ouviam distinctamente os assobios. Felizmente, porém, para Lucio e Carrero, a policia interveio no *paraizo*, pois principiava a dar-se n'aquellas alturas uma reacção prompta e significativa. Os manifestantes de má sorte tiveram de bater em retirada. A agitação foi apercebida de Carrero, que, dirigindo o seu pequeno exercito, delegou a um amigo o direito do mando e retirou-se do prompto da sala, para pessoalmente convencer-se do que houvera e quaes poderiam ter sido os desgostosos.

Sentia-se feliz, porquanto á manifestação de sympathia sincera e franca associaram-se até mesmo as senhoras, que dos camarotes agitavam leques e lenços com uns gestos serenos e elegantes. Dolores era do numero.

Apenas Carmen, sinceramente alegre pela victoria alcançada por Lucio, tinha de quando em quando uns abalos nervosos ao lembrar-se que sua mãe gosava da gloria alheia, obtida a custo de sua reputação de esposa.

Ao mesmo tempo levantava-se-lhe na memoria, como que perante um espelho fiel, a figura correcta de Guilherme Tosti, o vencido.

— Ridiculo ! — pensou ella, recordando que differença havia entre a promessa de patear a comedia e o effeito insignificante que produziu semelhante intento, uma vez posto em pratica.

A verdade, porém, era que Tosti devêra ser plenamente perdoado, pois pouco tempo lhe ficára em disponibilidade para dar os passos necessarios, de modo a regimantar alguns individuos, que por acaso quizessem vender a opinião.

Entretanto, Carmen não lhe perdoava a derrota.

Parecerá inexplicavel e até contradictorio. Todavia, poderia significar-se de dous modos ; a

entada do coronel Blanco approvava a manifestação de applauso ao auctor da comedia; não deixaria, contudo, de algral-a um castigo exemplar para o barateador das reputações alheias.

Quem não se conservava ainda bastante em si, era o coronel Herrera, pois longe estava de saber o nome do auctor dramático e muito menos que o seu filho dilecto tivesse essa aptidão. O coronel Blanco abraçou-o, orgulhoso, e o bom militar, suffocado de alegria, dizia para o amigo entre dous sorrisos :

— Decididamente, Lucio é o primeiro rapaz disposto a guardar segredo ! Nem sequer me communicou a autoria de sua obra !

E Lucio, não menos sorprendido, chegára afinal a reconhecer a exactidão de tudo quanto se acabava de dar.

— Isto é obra de Carrero !... o empresario nem sequer me conhece !...

E reprovava o amigo. Bem lhe podia haver poupado o pequeno desgosto que o assaltou de ver que o seu nome, uma vez pronunciado, fôra coberto do assobios.

Haviam-n'o exposto ao ridiculo.

— Assim é o publico ! pensava. Antes de conhecer o auctor, applausos, e depois...

E susteve o raciocinio. As reticencias diziam tudo.

Era verdade, continuamente comprovada em theatros, mas que não tinha de momento a mesma explicação.

— Onde estará Carrero ? — dizia, procurando o amigo.

O publico pedia insistentemente o auctor.

Foi então que Carrero, agitadissimo e offegante, lhe appareceu.

— Vamos d'ahi ! — dizia elle, estendendo-lhe os braços para o levar consigo.

— Explica-me !

— Impossivel ! Não vês que exigem a tua presença ?

— E' um absurdo ! foste o promotor de tudo !

— O que quizeres ! Ouve ! chamam-te !... E sabes o que vale negar-se um auctor a comparecer perante o publico que o quer ver ?

— O que ? perguntou Lucio :

— Uma pateada para desafogo da impaciencia !

— Entretanto, não vês que é uma imprudencia ?...

— O que queiras... e vamo-nos !

— E explicas-me ?...

— Depois !... não faltará tempo de participar o que houve e dizer-te quem promoveu aquella ridicula manifestação de lesagrado.

— Quem ?...

— Insistes ?

— Insisto !... Ou dizes o nome d'essa pessoa, ou francamente... não me retirarei d'este lugar, seja qual fôr a consequencia.

— Teimoso ! E não vês que é um favor que te dispensa o publico, deixando-se ficar na sala, depois de terminado o espectáculo, e applaudindo com todo o enthusiasmo ?

— O nome d'essa pessoa ?

— Se és homem de brio e de dignidade, ouvil-o-has pronunciado e te conservarás impassivel !

— O auctor ! — repetiam os espectadores.

— O nome ?

— Carmen.

— Carmen ? — exclamou precipitadamente, levando a mão á frente, como se por ventura fosse demasiado pezada aquella palavra, que lhe feria os ouvidos.

A physionomia de Lucio abrio-se na expressão do horror. A força de animo, porém, era sufficientemente energica para dominar o effeito da grande decepção.

A pouco e pouco abateu-se-lhe o desanimo. Um esforço de gigante, e estava restabelecido o estado normal de sua natureza psychologica.

— Vamos, meu amigo !... Não desprezemos os applausos ! Agora mais do que nunca convem-me a gloria ! A minha vingança é comparecer ante essa mulher, ou depravada, ou ignorante, que retribue o amor com a peor das offensas, aquella que busca o desprestigio.

E, sem accrescentar palavra, travou do braço amigo que lhe offerecia Carrero, e seguiu ao longo do corredor, profundamente impressionado por tudo quanto acabára de ouvir.

Quando chegaram ao interior do edificio, disposto propriamente para os artistas, já os esperava ancioso o empresario.

A presença de Lucio na altura da rampa do theatre foi de effeito magico. Tudo e todos davam-se as mãos para com mais brillantismo applaudir.

E não bastava já o merito litterario da comedia que se acabava de representar, senão tambem que o publico sentira-se como que fascinado com a nobre e elegante figura do auctor. Poder-se-ia com boa somma de razão aventurar uma proposição : a plateia, cansada de applaudir a peça e os actores, passava agora a admirar o physico d'aquelle rapaz, que até na sua modestia conservava a franqueza dos gestos, só proprios de pessoas de character independente e altivo, mas d'essa altivez que não inspira oscusa, e bem pelo contrario nos communica parte d'esse influxo de dignidade.

Lucio agradecia mais com o sorriso do que com o gesto.

N'esse momento, os seus compatriotas lhe teciam, ao som estrepitoso da ovação, a verdadeira coroa de gloria, fazendo nascer em todos os corações o culto que mais se póde ambicionar, o da admiração.

E de feito, a admiração é o renome, é a consagração do merito, é a lapida em que mais tarde se ha de inscrever não o nome do individuo, esse qua-

lificativo de baptismo que serve para salvar a confusão dos homens e dos objectos, mas o nome do talento comprovado. Esse tunulo que recebe a memoria des eleitos chama-se pesteridade.

Era todo o trabalho d'aquelle crescido grupo de espectadores, accentuar o valor do talento creador de Lucio Herrera. Já não seguia tão só o applauso; a sympathia fallava-lhe de momento com mais eloquencia.

Lucioolveu um olhar para o camarote da familia Blanco. Carmen não lhe podia corresponder; dava-se a um trabalho de hypocrita.

Era o indifferentismo passando revista ao enthusiasmo.

ALFREDO BASTOS.

(Continúa).

A CLOTILDE DE ROQUEMAURE

PELO SEU ANNIVERSARIO NATALICIO

Clotilde, por um dos sonhos
Que embalam teu coração,
Que berços d'harpas, Clotilde,
Te embalarão!

Clotilde, por um só lyrio
D'essa florente sazão,
Que mãos de fada, Clotilde,
Te enfeitarão!

Clotilde, somente em cambio
De um beijo infantil e são,
Que boccas de anjos, Clotilde,
Te beijarão!

Clotilde, empresta uma nota
A meu sistro escasso, e então,
Que lindos cantos, Clotilde,
Te encantarão!

RAYMUNDO CORRÊA.

Ouro Preto, 8 de Maio de 1894.

THEATROS

(NOTAS A LAPIS)

POLYTHEAMA. — A revista o *Holophote* teve apenas uma representação. Não devia ter tido nenhuma.

*

APOLLO. — Reappareceu o *Pum!* opereta em 3 actos e 6 quadros, de Eduardo Garrido e Arthur Azevedo. Bom desempenho de papeis. Publico satisfeito. Enchentes consecutivas.

*

RECREIO. — *Reprise* dos *Ladrões do mar*, dramalhão de José Romano. Nova edição do *Sgnavello*, de Molière, traducção em verso de Arthur Azevedo.

*

LUCINDA. — Estreia de uma companhia dramatica de provincia com *Tiradentes, o martyr da Republica*, drama historico de Moreira de Vasconcellos. Peça um pouco emphatica, mas feita com habilidade. Luiza Leonardo, distincta pianista, arvorada em actriz de primeira ordem.

— Antes do *Tiradentes*, os dramas *Justiça*, de Castello Branco, e *Odio de raça*, de Gomes de Amorim, representados pela companhia Furtado Coelho, que pelos modos foi dissolvida. Estreia de uma Sra. Lina Roy, ingleza. Não pegou.

*

SANT'ANNA. — Resurreição do *Trunfo ás avesas*, opereta brasileira em 2 actos, letra de França Junior, musica de Henrique de Mesquita. Bom desempenho de papeis, excepção feita de um tenor-barytono que afinava no canto, mas desafinava na declamação.

Reappareceu tambem a *Gran via*.

*

VARIEDADES. — Re-inauguração dos trabalhos da companhia Ismenia, de torna viagem de S. Paulo e Minas, com o *Periquito*, a opereta de Alvarenga. Machado é sempre um magnifico Liborio.

*

S. PEDRO. — Cabriolas, palhaçadas, pantomimas e Rozita de La Plata. A companhia equestre vae vivendo, vae.

*

LYRICO. — Continúa aberta a assignatura para os espectaculos da companhia Mancinelli.

No repertorio figurará uma opera brasileira em 1 acto, *Moema*, letra de Assis Pacheco e Marino Mancinelli, musica de Delgado de Carvalho.

X. Y. Z.

Os numeros do *Album* só se encontram á venda na Livraria Lombaerts, rua dos Ourives n. 7, e na Livraria Moderna, do Sr. Domingos de Magalhães, rua do Ouvidor n. 54.

Imp. H. Lombaerts & C.